

**CÉLIA GAMEZ "VEDETA" DO TEATRO ESPANHOL**

...VER ENTREVISTA NA PÁGINA DEZOITO...

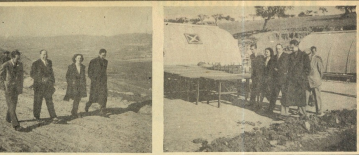
**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

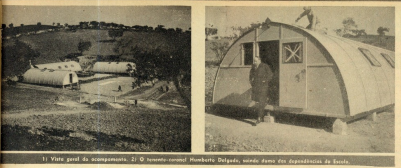


**PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 28 DE FEVEREIRO DE 1946**

**ANO V**  
**N.º 249**



1) O Diretor do S.A.C. perante os membros do Grupo Aero-Explorador. 2) Entre os exploradores.



3) Vista geral do acampamento. 2) O tenente-coronel Humberto Delgado, diretor do S.A.C., perante os membros do Grupo Aero-Explorador. 3) Entre os exploradores.

# O DIRECTOR DO SECRETARIADO DA AERONÁUTICA CIVIL Visitou o Grupo aero-explorador de aviação sem motor

O tenente-coronel Humberto Delgado, Diretor do Secretariado de Aeronáutica Civil, realizou, há dias, acompanhado pelos assistentes António Quares e Simão Amorim, respectivamente sub-chefe do Serviço

de aviação e diretor do Voo sem Motor, o 1.º Voo Aero-Explorador, em Santa Cruz. Os trabalhos de investigação estão bastante avançados, deixando a par do voo sem motor outras experiências.

O diretor do Secretariado percorreu todos os departamentos de Santa Cruz, informando os membros dos trabalhos executados. A ênfase foi lançada sobre o trabalho de experimentação sobre o voo sem motor, tendo de vir em anexo o seu deslocação.

terminações desportivas do Ar. A iniciativa do S.A.C. vai ao encontro de parte do espírito e mais concretamente dos trabalhos executados, em parte facilitados que serão desenvolvidos a toda a questão que se relaciona com o voo sem motor.

## PRIMEIRA COLUNA FOI O BOM GOSTO...

**POB ANIMAL NAZARE**  
**H**á quem diga que o bom gosto...  
 é uma coisa que se aprende com a idade...  
 mas quem sabe o que é bom gosto?  
 É a capacidade de apreciar a beleza...  
 de sentir o prazer de olhar uma obra de arte...  
 de ouvir uma música que toca no coração...  
 de sentir o gosto de uma palavra bem usada...  
 de apreciar a simplicidade de uma vida bem vivida...  
 É a capacidade de encontrar beleza em tudo...  
 de sentir o prazer de viver em harmonia com o mundo...  
 de apreciar a beleza de uma paisagem bem vista...  
 de sentir o gosto de uma vida bem vivida...  
 É a capacidade de encontrar beleza em tudo...  
 de sentir o prazer de viver em harmonia com o mundo...  
 de apreciar a beleza de uma paisagem bem vista...  
 de sentir o gosto de uma vida bem vivida...



**VIDA MUNDIAL ILUSTRADA**

DIRETOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO  
 EDITOR: PEDROSA MARTINS  
 PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"

A Vozes do Dr. Mendonça de Almeida, editor-geral do Secretariado de Aeronáutica Civil, acompanhado pelo tenente-coronel Humberto Delgado, diretor do S.A.C., perante os membros do Grupo Aero-Explorador.

De Sáez, que ha embocador de Vichy junto dos alpinistas que ocupam Pez, apança o momento da sua alpinista.



## CASTRO SOROMENHO VAI ESCREVER "A MARAVILHOSA VIAGEM DOS EXPLORADORES PORTUGUESES"

**C**ASTRO Soromenho, o importante escritor de origem do Rio de Janeiro, vai escrever um livro sobre a viagem dos exploradores portugueses. O livro será publicado pela editora de Sáez, em Lisboa. O livro é uma obra de grande importância para a história da aviação e da exploração do mundo. O livro será publicado em três volumes, o primeiro dos quais já está em preparação. O livro será publicado em três volumes, o primeiro dos quais já está em preparação. O livro será publicado em três volumes, o primeiro dos quais já está em preparação. O livro será publicado em três volumes, o primeiro dos quais já está em preparação.



# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXX

## As conferências interaliadas

tiva para pôr de acordo os grupos desavindos de franceses que encontravam a sua expressão ostensiva nas divergências conhecidas entre os generais Giraud e De Gaulle.

### OS PLANOS MILITARES CONCERTADOS DURANTE A CONFERÊNCIA DE CASABLANCA, SEGUNDO AS REVELAÇÕES DO GENERAL MARSHALL

No relatório oficial, que publicou em seguida ao termo das hostilidades na Europa e na Ásia, o general Marshall conta assim o que se passou durante a Conferência de Casablanca e revela pormenores dum alto interesse sobre a natureza dos planos militares concertados entre os dirigentes ingleses e americanos nessa altura.

«Em Janeiro de 1943, contei ele, o Presidente e o Primeiro Ministro, acompanhados pelos chefes do Estado-Maior, encontraram-se em Casablanca. Era já nessa altura evidente que as operações no Norte de África (campanha da Tunísia) se aproximavam de um desfecho vitorioso que excedia as expectativas mais optimistas. A Tunísia era um sorvedouro onde os alemães continuavam a lançar homens e material, assumindo compromissos que acabariam por um desastre, pois com a aproximação da Primavera, quando as chuvas cessassem e as nuvens se dissipassem sobre o estremo da Sicília, a superioridade esmagadora de que os Aliados dispunham no mar e no ar acabaria por decidir a seu favor a contenda. Quando a campanha do Norte de África terminou em Maio de 1943 com a batalha vitoriosa da Tunísia, foi possível verificar que os alemães e italianos haviam perdido 349.206 oficiais e soldados e abandonado 200.000 toneladas de material».

Depois de referir com números exactos a extensão do desastre sofrido na Tunísia pelos países do Eixo, o general Marshall continua assim a descrição do que se passou em Casablanca:

«Para os chefes militares reunidos em Casablanca o principal problema que lhes incumbia resolver consistia em saber em que direcção devia orientar-se a sua ofensiva, depois de terminada a campanha da Tunísia. Era preciso decidir se nos convinha mais tentar imediatamente um desembarque na costa ocidental da Europa ou no sul da França, a fim de derrotar directamente os alemães ou encontrar qualquer outra solução mais conveniente. Depois de avaliarmos conscienciosamente os nossos recursos, chegámos facilmente à conclusão de que não deveríamos tentar qualquer daquelas operações.

### AS RAZÕES QUE LEVARAM OS CHEFES MILITARES ALIADOS A TENTAREM PRIMEIRO ELIMINAR AS POTÊNCIAS DO EIXO DO MEDITERRÂNEO

No seu relatório, o general Marshall expõe, em seguida, as razões que levaram os chefes militares aliados, reunidos em Casablanca, a tentarem

primeiro eliminar as potências do Eixo do Mediterrâneo, escrevendo a esse respeito:

«As potências do Eixo instaladas nas ilhas que se encontram ao longo do mar Mediterrâneo e fiscalizando praticamente toda a costa europeia deste mar, desde a Espanha até à Turquia, obrigavam-nos a fazer um esforço gigantesco, pois a nossa navegação tinha que dar uma volta de 12.000 milhas contornando todo o litoral africano e passando pelo Cabo da Boa-Esperança. Como os Estados Unidos se encontravam nessa altura na fase da mobilização plena de todos os seus recursos, julgou-se preferível ver se teríamos forças suficientes para atacar directamente a Itália ou fazer incidir o nosso esforço sobre outros pontos intermédios que levassem à invasão daquele país.

Foi por isso decidido em Casablanca tentar, desde logo, um desembarque na Sicília, e o general Eisenhower avisado dessa decisão no dia 23 de Janeiro. A comunicação que lhe foi feita nesse sentido era a seguinte: «Foi decidido desencadear um ataque contra a Sicília em 1943, calculando-se que o mês de Junho seja a data mais favorável para a sua realização».

Esta decisão foi, como se sabe, rigorosamente cumprida, e os acontecimentos demonstraram que ela correspondia efectivamente aos interesses estratégicos da causa aliada.

### NA CONFERÊNCIA DE CASABLANCA FORAM IGUALMENTE ESTABELECIDOS OS PLANOS PARA A INVASÃO DA EUROPA QUE DEVEIA REALIZAR-SE UM ANO E MEIO DEPOIS, EM JUNHO DE 1944

A parte certamente mais sensacional do relatório é aquela em que o seu autor revela que foi na Conferência de Casablanca que ficaram assentes os planos que deviam conduzir um ano e meio depois, em Junho de 1944, à invasão da Europa pelo ocidente.

«Embora aquela decisão implicasse

a realização duma campanha militar em grande escala, tendo como teatro o Mediterrâneo, escreve Marshall, decidimos em Casablanca intensificar o envio de tropas e material para o Reino Unido, a fim de concentrarmos, o mais rapidamente possível, as forças que deviam invadir a Europa pelo ocidente. Esta tarefa resultou numa das mais formidáveis realizações de todos os tempos no domínio da estratégia.

Ela implicava o transporte, alojamento, a hospitalização, a manutenção, o abastecimento e o adestramento de um exército composto por 1.200.000 homens, o qual devia ser transportado através do Atlântico, que se encontrava infestado de submarinos. Só os preparativos para as instalações hospitalares do corpo expedicionário obrigavam a construir e transportar 84.000 camas. Mais tarde este número foi elevado de 30.000 camas, o que perfazia um total de 124.000 camas.

Era necessário preparar instalações adequadas para as forças de invasão e fornecer-lhes tudo aquilo de que necessitavam para poderem desempenhar-se da sua missão. Preparámos, por isso, planos para a construção de parques destinados a alojar 50.000 veículos militares e para a construção em território britânico de 270 milhas de via férrea, a qual devia ser utilizada no momento da invasão. Este programa incluía, igualmente, a construção de 20.000 vagões e 1.000 locomotivas, material que devia ser embarcado e desembarcado na Grã-Bretanha. Finalmente, precisávamos construir no território deste país 183 aeródromos e campos de aterragem, bem como as instalações indispensáveis as nossas forças aéreas que totalizavam, já nessa altura, para a guerra no ocidente, 450.000 homens.

Estes números bastam para dar ideia da importância do esforço de guerra americano e da participação efectiva que os Estados Unidos tiveram para a realização da vitória aliada.

(Continua)



GENERAL GEORGE MARSHALL

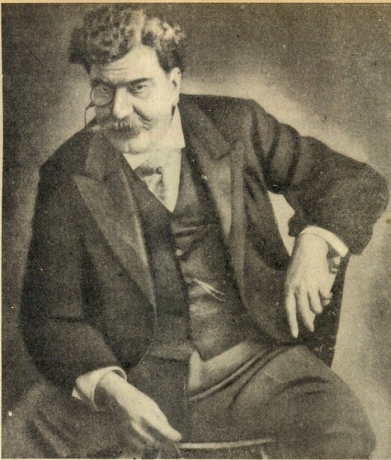
A publicação recente do relatório do chefe do Estado-Maior do exército norte-americano, general George Sattlet Marshall, foi o primeiro documento oficial autorizado em que apareceram resumidas as decisões militares de importância vital tomadas durante a Conferência de Casablanca e a viagem do Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha aos Estados Unidos, em Maio de 1943. Já em Casablanca era o problema do Mediterrâneo que constituía a principal preocupação dos dirigentes anglo-americanos, que viam as suas dificuldades sensivelmente atenuadas com a perspectiva, cada vez mais evidente, duma próxima vitória da Itália. Depois, em Washington, com a vitória na Tunísia à vista, foi possível ajustar os últimos pormenores dos planos concertados em Casablanca e dar-lhes uma forma definitiva, começando, ao mesmo tempo, a encarar-se as condições em que, oportunamente, deveria ser tentada uma operação gigantesca de desembarque no ocidente da Europa, a segunda frente que por toda a parte era reclamada, mas que só um ano e meio depois se concretizou definitivamente.

Embora os russos não tomassem parte, nem nas conversações de Casablanca nem no encontro de Washington, foi destas duas reuniões que partiu o impulso principal para unificar a estratégia aliada e para sincronizar, efectivamente, os movimentos das forças das grandes potências que se opunham ao bloco totalitário, tanto na Europa como no Extremo Oriente. Ao mesmo tempo, tanto o Primeiro-Ministro britânico como o Presidente dos Estados Unidos tinham a consciência exacta da importância e da significação profunda dos movimentos de resistência que por toda a parte no nosso continente começavam a tomar forma e cuja contribuição devia mais tarde revelar-se decisiva para alcançar a vitória sobre o Reich.

Entre os países da Europa que directamente interessavam ao esforço de guerra aliado, a França encontrava-se naturalmente em lugar de destaque, e por isso o sr. Churchill, como adiante veremos, antes de regressar a Londres passou pelo Norte de África a fim de fazer uma tenta-



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L<sup>DA</sup>  
RUA DO CRUZEIRO, 76-1-1-1516A TEL 26297



Este é o último retrato de Rafael Bordalo Pinheiro.



Rafael Bordalo Pinheiro trabalhando no seu atelier dos Caldeas do Roinho.

## RAFAEL BORDALO E O PRESENTE DO COMENDADOR

**A** amizade dos meus pela família Bordalo Pinheiro existia há muitos anos.

Rafael Bordalo, o grande artista, conheci-o, portanto, desde que eu usava calçado.

Em Lisboa davamo-nos muito, mas onde estávamos sempre juntos, durante grandes temporadas, era nas Caldas da Rainha. Foi mesmo Rafael quem entusiasmou meu pai a fazer um pequeno chalet perto da sua fábrica, o qual ainda hoje existe. Como ali morávamos perto, era eu, então já com os meus vinte anos, quem, depois das danças no Clube, ia buscar o Mestre, todas as noites, ao Café Ibéria, dos irmãos Levis, defronte do Parque da Copa, onde ele, sentado numa mesa, ao fundo, rodeado de amigos, contava histórias e anedotas irresistíveis de graça, das quais ele ria também perdidamente.

Nunca saíamos de lá menos das três horas.

De tarde, muitas vezes, ia vê-lo trabalhar na fábrica, rodeado pelos seus operários, com a sua boina, de bata branca e com o seu cachimbo.

Que lindas obras de arte eu vi sair das mãos daquele formidável artista! De entre elas, assisti ao acabamento da célebre Jara Beethoven, inspirada na obra deste grande músico.

Foi uma das suas obras-primas! Que maravilha! Pois, infelizmente, o Governo não arranja verba para a comprar, e o Mestre teve que ir ao Brasil para a vender.

Que vergonha, e que tristeza! Morreu pobre. Toda a sua vida lutou desesperadamente, a ponto de algumas vezes ver-se obrigado a fechar a fábrica, para quem ele vivia, por falta de recursos! Ainda me lem-

bro muito bem de uma carta que ele escreveu a meu pai pedindo-lhe para se interessar, junto do Ministro da Fazenda, para conseguir um subsídio, para as portas da sua fábrica continuarem abertas, e os seus operários não morrerem de fome!

Pois apesar dos grandes esforços de meu pai, e de outros seus amigos, nada se conseguiu!

Com que ternas e tremendas dificuldades ele a manteve!

No Brasil, a sua admirável Jara fez, como era de esperar, um sucesso colossal! Bordalo foi lá recebido de braços abertos e obsequiadíssimo, e ele falava sempre da sua estadia naquele lindo país com um grande reconhecimento e admiração.

Passado um ano do seu regresso, estando o Mestre no seu gabinete de trabalho, na sua casa do Largo da Abegoaria (hoje Largo Bordalo Pinheiro), 28, 3.º andar, apareceu-lhe a sua velha criada com um bilhete de visita, dizendo: «Que estava lá fora um sujeito que perguntava pelo senhor, e que tinha muita vontade de o ver e de o abraçar».

Mestre pega no bilhete e, com espanto, vê que ele era do Comendador Simões, uma das pessoas que mais o tinha obsequiado no Rio. Dá um grito de satisfação, e mandou-o logo entrar. Ao encontrarem-se, na sala de visitas, estreitaram-se num abraço tão apertado, tão demorado, que parecia que não acabava mais!

Enão o Comendador, voltando-se para Rafael, disse-lhe: «Você, Bordalo, fique sabendo que este abraço tão longo não foi ad mais! Foi também de todos os seus amigos do Rio, que com ele, lhe mandam milhões de saudades».

Depois, sentados em cómodas ca-

deiras, falaram de muita coisa, de muita gente.

Bordalo queria saber tudo, tudo, o que era feito deste, daquele, de fulano e de cicrano.

A visita foi, portanto, demorada. Ao levantar-se, para se despedir, Simões anunciou, então, ao Mestre, «que lhe trazia um presente, uma lembrança, mas que não lhe dizia o que era. Uma surpresa, Bordalo, com a qual você vai ficar encantado!».

Mais abraços, muitos agradecimentos, muitos «até breves!» — e lá se foi escada abaixo.

Ao jantar, a família Bordalo fez mil cálculos! Um dizia uma coisa, outro dizia outra, e toda a noite se entregaram a adivinhar. Estavam, realmente, intrigados.

No dia seguinte, à tarde, bateram fortemente à porta. Bordalo, como de costume, estava entregue aos seus desenhos.

De repente, entra-lhe a criada esbaforida, dizendo-lhe: «Senhor Rafael, senhor Rafael, está na porta da escada dois moços com um grande caixote com uma enorme maçaca!».

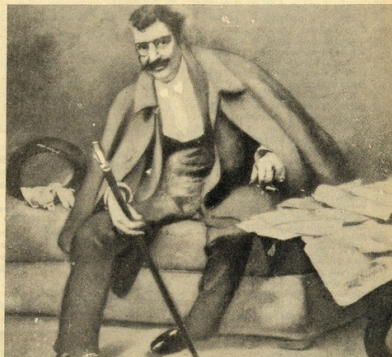
«O que dizes mulher? Isso não pode ser!». Mas, pensando melhor, disse logo: «Espera, espera aí. Querias ver que é o presente do Comendador?». Atterrozado, avança. Realmente, lá estava um grande caixote e dentro, não havia dúvida, um bicho que não parava um minuto!

Mandou-o colocar na varanda e reuniu logo a família toda. A sua esposa, D. Carolina, honrosa senhora, a sua filha Maria Helena, muito inteligente e engraçada, e seu filho, também um grande artista, tanto na cerâmica como na caricatura, Manuel Gustavo, que era o único que se divertia com o que se estava passando.

Bons, alegres, espirituosos, era, realmente, uma família encantadora. Maria Helena, tomando a palavra, e não acreditando ainda no que via, não se conteve, sem dizer: «Mas que presente tão disparatado, não acha pai? Confesso que esperava tudo menos isto!».

Ao que Bordalo respondeu: «Ohna, filha, os brasileiros têm muito o costume de oferecerem a pessoas que estimam, lindos papagalos e engra-

(Continua na página 14)



Este retrato de Rafael Bordalo Pinheiro foi pintado por seu irmão Colomano.

# O SILÊNCIO DOS FOLIÕES

**E**STAMOS daqui a ver a cara dos foliões quando este Entrudo se abrir, sem scon-fetti nem serpentinas.

Val passando de moda esse grotesco espectáculo, onde cada um, protegido pela lei, dava a nota de desordeiro provocante, com a carapuça de papel na cabeça ou a faca de madeira de échê-chê divertido.

O tempo, na sua marcha inexorável, nada perdou—de nada se esquece. O «corso» da Avenida era dos atractivos que melhor definiam a alegria do povo.

Ah, em filas, desfilavam os carros ornamentados, pejudos de lindas raparigas e de moços entusiasmados que aplaudiam os que lhe davam palmas—com quilos de batatas e sacos pesados de milho.

Vinham famílias inteiras, rindo alto, chetas de gozo—e de nódoas negras, com os fatos domingueiros enfarinhados.

Passava um cavalheiro descuidado por debaixo duma sacada—e, de cima, uma rapariguita aborrecida com o forçado encerramento em casa, despejava, com graça e ligeireza, um balde de água de ensaboar que deixava o desgraçado numa borrela de Caneças. Nos bailes, então, a animação atingia o auge. No ambiente ruidoso de serpentinas enlaçadas e de mascarados de mau gosto, havia autênticos combates de etiqueta—a murro e à cacetada.

Qualquer pessoa poderia, ligeiramente, ficar cega durante horas, com as inofensivas bisnagas perfumadas de água do pote. Os ovos rebentavam na cabeça dos parceiros, com tal profusão, que aquilo parecia uma barraca de tiro ao alvo. E o mais engraçado, o que divertia mais, era a máscara—a célebre máscara que ninguém sabia quem era. Vinham os pares, à porfia, curiosos, a ouvir-lhe a voz. Isso, nada. Então o engraçadinho, vestido de dama antiga, com pernas grossas, enchidas a algodão, sorridente, abandonando o leque, chegava taponado a torto e a direito, com o à-vontade de quem se fez tirano com a obrigação de castigar. Na sala, entre cotoveladas e saquinhos pesados, sirmecados por gente foliona, reinava a indisciplina e a balbúrdia.

Pois bem: o Entrudo, nos nossos dias, acabou. Primeiro, porque já ninguém está para se expor em brincadelas que são prejudiciais; segundo, porque esses três dias de autêntico espectáculo, já não têm graça nenhuma.

A queda foi brusca. Em meia dúzia de anos do coval onde o enterraram, já trasladaram os ossos para o jazigo—onde, entre um bóbo enfarinhado e um ciste cheio de serpentinas, se lê: «Aqui jaz o Entrudo—que morreu com uma indigestão de alegria».

No seu enterro, triste, com chura, apenas as crianças o acompanharam—eternas mártires dos caprichos dos pais—vestidas de anjos, soldadinhos, saloios e «cow-boys».

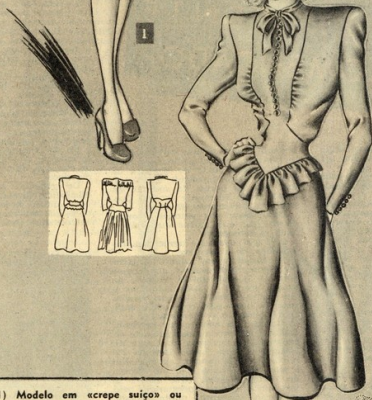
Foi um enterro, ainda assim, com pibéria. Uma menina vestida de fada do Bem, à beira do coval teve uma crise de choro e despediu-se dele atirando duas garrafinhas de mau cheiro.

Depois, em silêncio, tudo voltou dos Prazeres.

E em silêncio se conserva a sua memória.

Para si, minha senhora...

**3** MODELOS ORIGINAIS  
DE ARMINDA PEREIRA  
Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"



1) Modelo em «crepe suíço» ou «georgettes». Os plissados do corpo e da saia terminam por bordados simples e graciosos.

2) Um lindíssimo vestido em veludo de séda ou esotim, preto. Os bordados a vidro fazem realçar os cortes do corpo. Tanto o peitinho como os punhos em «georgettes» cor de pérola.

3) Este é elegante vestido de tarde em crepe «marroquins» ou «mourses». Saia e folho a jeito.

## PÁGINA LITERÁRIA por Alvaro Salema

### POESIA E REALIDADE

**A** criação poética que ainda se apresenta com vitalidade e fogo interior, que chega às consciências e as anima ou revolve, parece ser apenas, durante, a que se inspira em intuições de profunda renovação no real. Não é um problema de perfeição ou de grandeza literária que se apresenta no caso, mas de receptividade possível para quase todos os que têm hoje poesia em busca de alguma coisa mais que a satisfação perante de poder discretar. A geração precedente, próxima ainda, muito viva nas suas criações por tantos que são capazes de as compreender, mas que parece irremediavelmente ultrapassada, atíngia, sem dúvida, a maior altitude da poesia portuguesa; deixou-nos obras tocadas pelo génio, como são as de José Régio; constituiu a expressão definitiva de certos dramas que são eternos mas que de poesia moderna coube representar mais plenamente. A poesia que hoje se impõe talvez encontre maior dificuldade em alcançar a atitude literária e psicológica — até porque enveredou naturalmente por uma espécie de empirismo que resistiu demasiado ao esforço de repercussão interior desajado nos versos; mas é mais generosa e mais humana — mais generosa nos fins gerais, e portanto englobando as poéticas que a inspiram, e mais humana no compromisso entre a arte e a vida a que tende vigorosamente.

O problema da pesquisa de formas foi resolvido pela poesia moderna que antecedeu a poesia de hoje; a poesia fiel à corrente colectiva e servidora — circunstância que não devem esquecer os que se insurgem contra aquela, talvez mais pela fatalidade do embate no tempo do que pela impossibilidade de a sentir e compreender. O grande, o decisivo problema, que terá a solução as novas poéticas poéticas, se quiserem construir obra perdurável ou mesmo influente à face do real, é o do estilo — pela síntese difícil, e quem sabe se impossível, do lírico, do épico e do meramente concreto.

«EUROPA», por Adolfo Casais Monteiro

A repercussão da guerra na nossa literatura foi quase nula; além de uns romances líricos sobre refugiados, de outros romances defeituosos sobre a aventura vil do volfrâmio, de umas poesias accidentais e de algumas referências em ensaio ou crítica, nada veio exprimir um reflexo de humanidade e inocência que ligasse à condição de todos os outros homens. Fechado ao mundo e ignorar por inconsciência — lá parcaria o português nesta época de tragédias e de esperanças se o vissemos a julgar pela produção literária inspirada na guerra.

Por isso o poema «Europa», de Casais Monteiro, lido há quase um ano ao microfone da B.B.C. e agora publicado pela «Editorial Confúncias», parece mais uma chicotada vergastando um rosto de idiota do que um apelo à inteligência e à sensibilidade adormecidas em que o autor não pode confiar:

...eu pergunto se não estaremos a [sonhar que somos gente, sem irmãos nem consciência, aqui sem nada senão lágrimas que vêm tarde, e uma noite à volta [de quem que nunca chega, uma noite em [salvor da madrugada...

Mas, assim mesmo, tem um valor de resgate, na sua emoção e no seu ímpeto protestário — resgate das inconsciências, dos cinismos repulivos e das cupididades ainda não desmascaradas, das indiferenças que todos partilhámos mais ou menos voluntariamente. Não é só nesse aspecto, sem dúvida, que estes versos têm grandeza. Casais Monteiro pôs neles o que melhor define o seu talento de poeta — a veemência, a comoção irrequieta e multiforme, a amplitude do ritmo, o impulso do sentir que val até à exaltação convulsa e o estreitar ardente do que é humano e se não quer perder na dispersão das imagens poéticas. «Europa» é, indubitavelmente, a maior representação literária do imenso drama em Portugal — talvez, mesmo, a única europeu. Se sugere a chicotada pelo ardor de panfleto, em relação à atmosfera morta e baça que só a alguns sucoça, atinge também a grandeza do épico, não só pela expressão literária mas pela sugestão simbólica do que é maior, mais vivo e mais nobre no homem. A Europa que Adolfo Casais Monteiro representa não é apenas a pasta enrugada, a lã de sangue e alma, o cisco e ser, mas a Europa «sonho futuro» para que se voltam as aspirações — eternas.

«Tua grandeza a fizeram os que nunca perguntaram a raça por quem se viraram. Tua glória a ganharam mãos que nunca modelaram teu corpo livre de algemas num sonho sempre a alcançaram»

Neste poema foi reduzido ao mínimo o lirismo, transposta quanto possível a expressão indirecta das imagens a troco da expressão flagrante e imediata, mesmo que sejam tão imagens as transparentes representações de realidades angustiosas:

«Europa, tu virás só quando entro o ódio no não tiver a última palavra ao ódio não gular a mão avara, à mão não dar alento o cavo som do [entorno quando os meus se deslucem dos cofres digerindo o sangue do [rebanho».

Não se deve a este livro de Casais Monteiro apenas admiração; deve-mohe também o reconhecimento pelo que a todos enuncia — até onde poesia e qualquer outra forma de arte pode absolver e servir na realidade — aliás e das impetivas irremediáveis.

«MIS POBRES», por Carlos de Oliveira

Carlos de Oliveira é, talvez, o mais lírico dos poetas novos — lirismo que transparece igualmente nos seus romances, dos mais representativos de a geração actual tem criado. Nesta coleccionada de poemas «Mis Pobres» reunia o jovem escritor alguns dos seus versos de lirismo mais contagiante e sedutor e que melhor documentam o seu estilo, as suas qualidades e as suas deficiências. Deparamos nas páginas de «Mis Pobres» expressões poéticas das mais belas que a literatura contemporânea tem revelado em Portugal:

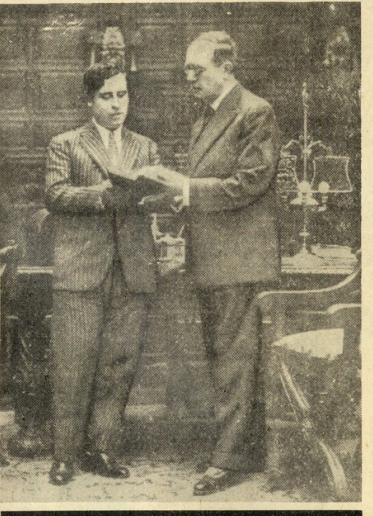
«Olhos do povo que cismam chorando Olhos tristes de outora — Chegal-vos ao calor que trá ao coração, da chuva que em nós [chora».

(Continua na pag. 14)

### LIVRARIA ECLETICA LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grande e pequena bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA



Ramón Gómez de la Serna junto de Azoria, outro grande escritor espanhol

## Ramón Gómez de la Serna e Valle-Inclán

O criador fúente, vivo, irrequieto das «greguerias», o novelista original e lírico que é Ramón Gómez de la Serna, publicou recentemente uma biografia de outro escritor originalíssimo do seu país: «Don Ramón María del Valle Inclán» e é facilmente acessível aos leitores portugueses, editada como foi na conhecida e utilíssima Colección Austral, da Espasa-Calpe. O livro é encantador e impressionante pelo conteúdo humano que apresenta através da forma mais íntima e calorosa; é mais que um livro de biografia — é o encontro de duas almas, no sentido em que Charles Morgan o descrevia: «Um retrato devia ser uma imagem de uma alma reflectida em outra alma; pintar um retrato devia ser uma descoberta das fontes da vida». É é uma descoberta simultânea que se faz nas páginas lígneas e aliantes desta biografia: a de Valle-Inclán, símbolo desconcertante de uma época da vida espanhola que foi «inovatória, renovadora e revolucionária»; e a de Ramón Gómez de la Serna com a sua foga e irrequieta visão da vida e o seu talento fulgurante para descobrir as mais erradas nuances.

O novelista compôs neste livro obra de pintor, sem deixar de ser profundamente homem de literatura. Os seus quadros são toques subtils e ágeis de pincel em busca das cores e das formas mais flagrantes; e são quadros animados, irradiando luzes súbitas ou declinando em sombras nocturnas, que vemos sucederem-se nos episódios de uma vida desconcertante como foi a de Valle Inclán, através de épocas e lugares em que mais vivamente se revela a alma perturbada e ardente da Espanha.

Ramón Gómez, o das «greguerias», o do «romanesco», tem ali uma das suas mais expressivas filonómicas — como a tem o biografado e como a tem a Espanha, com as suas estórias e os seus mendigos e os seus mendigos como estórias. «Gregueria» de um retrato, com certo crítico do país vizinho a este livro; retrato fervoroso e apaixonado, na verdade, tão fantástico como a ficção e tão verdadeiro quanto a própria obra de arte que cria realidade.

LIVRO DO CENTENÁRIO DE  
EÇA DE QUEIROZ

UMA OBRA PARA  
LEONARDO RAMOS E CARLOS BOGA

A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...  
A OBRAS DO SR. DR. LEONARDO RAMOS E DO SR. CARLOS BOGA...

EDITORA DEBATA, LISBOA

O LIVRO DO CENTENÁRIO  
DE EÇA DE QUEIROZ

OBRA MONUMENTAL ONDE COLA-  
BORAM GRANDES ESCRITORES DO  
BRASIL, INGLATERRA, AMÉRICA  
DO NORTE, ESPANHA, FRANÇA,  
CUBA, ARGENTINA, URUGUAY  
E PORTUGAL,

UM LIVRO QUE SE DESTACA NA BIBLIOGRAFIA QUEIROSEANA  
PEDIDOS A:

**LIVROS DO BRASIL, L.ª DA**  
RUA VITOR CORDON, 29 - LISBOA



No Casa da Madeira foi prestada homenagem ao sr. Eng.º Daniel Maria Barroso, governador civil do Distrito Autónomo do Funchal, e aos Drs. João Abel de Freitas e Fernando Gonçalves, do Junto Geral e do Município da mesma cidade.



Na Basílica dos Mártires foram celebrados solenes exéquias por alma dos portugueses vítimas da barbárie nipónica em Timor.



O sr. capitão-tenente Flávio de Oliveira e Sousa tomando posse do cargo de comandante da Polícia Marítima.



O sr. dr. Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado da Assitência, inaugurou, há dias, os novos serviços clínicos das Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!



CABA

José Costa

AGENTE OFICIAL DE  
TODAS AS MARCAS DE  
RADIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4888



# A CHEGADA AO TEJO DO "DUQUE DE CAXIAS"



O sr. capitão de fragata Diogo Borges Fortes, comandante da transporte de guerra brasileiro, desembarcando na 'gara marítima.



O comandante do barco brasileiro é recebido pelas entidades oficiais

## UM ARTISTA PORTUGUÊS QUE TRIUNFA NO BRASIL

**P**OR notícias chegadas a Lisboa sabe-se que o tenor Luís Picarra, que para ali partiu com outros artistas que interpretaram no Teatro República a opereta «A Rosa Cantadeira», tem ali tido os melhores êxitos. Agora, o artista nosso compatriota está actuando no Copacabana, ao lado de alguns grandes nomes de Hollywood, como Susan Miller, Tito Brizar, Bob Hope, Wally Boag e outros, e sempre com grande agrado do público frequentador daquele elegante casino.

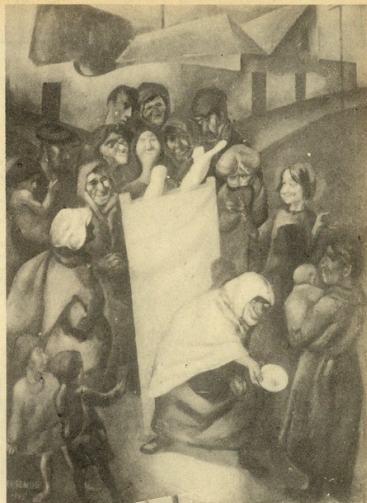
Na sua estreia, Luís Picarra cantou doze números extra-programa, o que dá uma ideia do seu sucesso.

Está também gravando discos na «Continental» e trabalhando na Rádio Globo, com um ordenado mensal de sessenta mil cruzetlos.

Apraz-nos registar o triunfo obtido, no Rio de Janeiro, pelo nosso compatriota, que, na carta que nos enviou, nem sequer fala, ainda, em regressar...



Luís Picarra, fotografado pelo «Estúdio José» do Rio de Janeiro



FANTOCHES

**JÚLIO DE RESENDE**  
EXPÕE PELA PRIMEIRA VEZ EM LISBOA



**J**ÚLIO de Resende é, actualmente, um dos mais expressivos artistas nortenhos. Da sua arte, viva e apaixonada, de características profundamente humanas pelos motivos inspirados na vida trágica dos humildes, poderá o público julgar através dos trabalhos a óleo, aguarela e desenho que se encontram presentemente expostos na Casa do Distrito do Porto.

Resende nunca se fixa na contemplação abstracta do belo, como é corrente, para nos dar o quadro de pura sugestão visual. Vai mais longe e mais fundo. A sua arte impregnada de invulgar realidade, sem artificios nem malabarismos espectaculares, vem do fundo da sua alma de artista que sente a vida conturbada dos que sofrem amargamente as mais dolorosas tragédias.

Dal a terra e o ardor dos seus trabalhos, que marcam a presença dum artista de vincada personalidade que se afirma como um dos valores mais notáveis da moderna geração.



O RAPAZ DO TAMBOR

# ALDA AGUIAR

UMA ATRIZ DISTINTA QUE O THEATRO ESQUECEU E QUE O CINEMA DESCOBRIU...

**T**udo isto, embora não tenha sido por acaso, porque a sua vida e seu trabalho são indissociáveis e inseparáveis, e que a sua arte e seu talento, desde a idade das primeiras aulas de dança, até ao dia de hoje.

Em 1918, em Lisboa, onde, aos 20 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1920, em Lisboa, onde, aos 22 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1922, em Lisboa, onde, aos 24 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1924, em Lisboa, onde, aos 26 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1926, em Lisboa, onde, aos 28 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1928, em Lisboa, onde, aos 30 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1930, em Lisboa, onde, aos 32 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1932, em Lisboa, onde, aos 34 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1934, em Lisboa, onde, aos 36 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1936, em Lisboa, onde, aos 38 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1938, em Lisboa, onde, aos 40 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1940, em Lisboa, onde, aos 42 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1942, em Lisboa, onde, aos 44 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1944, em Lisboa, onde, aos 46 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1946, em Lisboa, onde, aos 48 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1948, em Lisboa, onde, aos 50 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1950, em Lisboa, onde, aos 52 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1952, em Lisboa, onde, aos 54 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1954, em Lisboa, onde, aos 56 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

—Tudo isto, embora não tenha sido por acaso, porque a sua vida e seu trabalho são indissociáveis e inseparáveis, e que a sua arte e seu talento, desde a idade das primeiras aulas de dança, até ao dia de hoje.

Em 1918, em Lisboa, onde, aos 20 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1920, em Lisboa, onde, aos 22 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1922, em Lisboa, onde, aos 24 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1924, em Lisboa, onde, aos 26 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1926, em Lisboa, onde, aos 28 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1928, em Lisboa, onde, aos 30 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1930, em Lisboa, onde, aos 32 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1932, em Lisboa, onde, aos 34 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1934, em Lisboa, onde, aos 36 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1936, em Lisboa, onde, aos 38 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1938, em Lisboa, onde, aos 40 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1940, em Lisboa, onde, aos 42 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1942, em Lisboa, onde, aos 44 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1944, em Lisboa, onde, aos 46 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1946, em Lisboa, onde, aos 48 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1948, em Lisboa, onde, aos 50 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1950, em Lisboa, onde, aos 52 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1952, em Lisboa, onde, aos 54 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

Em 1954, em Lisboa, onde, aos 56 anos, se apresentou no Teatro de S. Carlos, sob a direção de João de Barros, Terno e teatro, onde se revelou uma artista que se revelou uma artista.

O país dos estatísticos NA AMERICA EM CADA 87 NASCIMENTOS HÁ UM PAR DE GÊMEOS!



Esta são as filhas de Comed... Maria, Anita, Cecilia, Emilia e Inez, que já vão a caminho dos seus pais!



Estes são os pais das meninas, Maria, Anita, Cecilia, Emilia e Inez, que já vão a caminho dos seus pais!

Uma vez os seus pais, filhos herdeiros de Comed, provavelmente conhecidos!



Estas são as filhas de Comed... Maria, Anita, Cecilia, Emilia e Inez, que já vão a caminho dos seus pais!



As meninas herdeiras de Comed... Maria, Anita, Cecilia, Emilia e Inez, que já vão a caminho dos seus pais!

É interessante que para cada duas estatísticas, há um par de gêmeos. Este é o caso de Maria, Anita, Cecilia, Emilia e Inez, que já vão a caminho dos seus pais!



Em 1 de Abril de 1944 nasceu em Chicago uma filha gêmea. É a menina de nome, Isabel Ada, provavelmente chamada assim porque nasceu em 1944, e esta foi a primeira de um casal de gêmeos.

ALGUMAS EXPRESSÕES DE ALDA AGUIAR



# RAFAEL BORDALO

(Continuação da página 7)

çados macacos. Ainda há pouco o Gervásio Lobato trouxeram-lhe também uma macaca que, logo de entrada, mordeu uma sobrinha, que ficou, pobre pequena, bem marcada! E ao João César Machado, um amigo do Pará, um lindo papagaio, que todas as manhãs lhe chamava «sadafo!» Mas eu, filha, é que não sei como heide descalçar esta bota!»

«A esposa e a filha, vendo Rafael de malas ardo, começaram a mandar o bicho, sem demora, para o Jardim Zoológico, mas o Mestre, desolado, atalhou:

— Impossível!  
— Mas impossível porquê, meu pai! Porquê razão?»

— Porquê Simões anunciou-me que faz tenção de me visitar muitas vezes, e o que diria ele se não visse aqui a macaca aos pulos!

— Mas não desanimemos. Tentamos esperanças que ele não se demore em Lisboa! — interveio a D. Carolina, para os animar.

«Mas o Mestre, emagado pelo destino, declarou: «que o Comendador se demorava, pelo menos, um ano!»

«O quê? Um ano de macaca!» — exclamaram todos, aterrados. Que horror!

Mandaram, então, arranjar uma casota e colocá-la a um canto da varanda que dá para o Largo, pois não tinham outro sítio, e prendia com uma corrente de ferro.

O tempo foi-se passando. O Comendador aparecia de vez em quando. «Bordalo, uma vez por outra, lahe perguntado: «Quando era que o seu querido amigo ia chegar Paris?»

«E ele respondendo sempre: «Que lhe estava a custar muito deixar esta linda Lisboa.» «Que, por ora, não.» «Que mais tardes.»

E com muitas senariorias e desgostos, provocados pelo mostroengo, lá se iam passando os dias, até que uma tarde, quando Bordalo, depois de ter dado umas voltas pela Baixa, subia vagosamente o Chiado, com destino a sua casa, estacou ao chegar à esquina da Rua Serpa Pinto, exactamente no momento em que lá se subiu, porque avistou uma grande multidão fazendo uma tremenda algazarra, contida pela polícia e Guarda Municipal.

Toda aquela gente berrava, gritava indignada, olhando em direcção do prédio onde morava.

Aproximou-se rapidamente, e qual foi o seu espanto quando viu a sua macaca, enraivecida, aos saltos em cima de um mtebudo!

A Guarda Municipal, vendo-se impotente para a agarrar, resolveu atacadá-la a tiro, mas como o bicho não parava de dar pulos, não havia maneira de lhe acertar!

O povo, cada vez mais excitado, gritava: «Quem devia apunhar era o doutor! E pena é não aparecer à janela! A macaca devia ser para ele!»

Bordalo, ao ouvir estas frases, cada vez enterrava mais o chapéu e puxava as suas grandes abas para os olhos, pois receava que alguém o visse como dono do bicho.

Até que, de repente, logo a seguir a novos tiros, ouviu-se um grande salis de satisfação.

Tinham, finalmente, acertado em cheio na macaca!

Bordalo respirou. Tinha-se acabado, para ele, aquele tremendo pesadelo!

An contar-me esta história, acrescentou: «Não há dúvida que passel uma mais bocados, isso passel! Mas que grande alergia, foi para mim e para os meus termos a certeza que nunca mais havíamos de ouvir o bicho infernal que aquele maldito bicho fazia constantemente. E ainda as queixas dos vizinhos as regards das criadas, e os gritos da rapaziada do Liceu do Curmo, que debaixo lá excitava!»

E eu, no meio de tudo aquela balulheira, a ter que trabalhar! Enfim, um pavor! Mas, sabes tu, que ainda além de tudo isto, uma grande preocupação não me largava nos últimos tempos. E que comecei a ver, e tive a prova disso, que desde que aquela macaca deu entrada na minha casa, nunca mais nada nos correu bem!

Eu só queria era conhecer o soldado que lhe deu o tiro! A esse homem, a quem fiquei devendo a paz da minha casa, fazia-lhe, podes acreditar, uma estátua em barro... com a seguinte legenda: «Bem teal!»

Ao meu salvador.  
Eterna gratidão de Rafael Bordalo  
Pinheiro.

FERNANDO DE ECA (L.E.A.)

## Os desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.

**Fósforo Ferrero**

A prática dos movimentos obriga a uma maior activação de todas as energias

A velocidade e a elasticidade de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos

A velocidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos

A velocidade e a elasticidade de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos

A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado

O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

Se notar qualquer destes sintomas procure com confiança ao Fósforo Ferrero

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-á o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto lácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero  
A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

## Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

## CRITICA DE LIVROS

(Continuação da página 9)

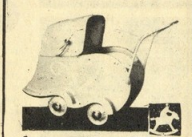
«Mas nela se encontram também as deficiências de uma poesia não experimentou suficientemente as suas formas possíveis, que voluntariamente se recusa, parece, à afinação perfeita e muitas vezes compromete em ruidosa artificialidade...»

«... só pode ser delcado e sensível Lírico na mais profunda natureza, Carlos de Oliveira apresenta por vezes recalcando o lirismo, furtar-se à sua imposição aliedadora, deformar-se artificialmente por amor mal entendido a certos conceitos cuja sinceridade, aliás, não pode pôr-se em dúvida. Há passagens em que se sucedem os símbolos de difícil ou embaraçosa interpretação — símbolos que dificilmente se encorparam no estilo geral dos poemas; há alterações pouco cuidadas, combinações de sílabas que ferem pensosamente o ouvido, transportado em ritmo feliz e por isso desmentando nas imperfeições dispersíveis.»

«Os ecos de poesia clássica e antiga que o autor aproveita, saltem o excesso nem sempre acertam bem com os Intuítos que exprimem. Há muito a corrigir na poesia de Carlos de Oliveira, justamente por serem tão valiosas as suas promessas e tão convincentes as certezas que já se encontram nela.»

«Para além das deficiências, são magníficas as qualidades que este livro de versos documenta — o aspero e forte sabor proclamatório de certos poemas, como «Canção da Jorna»; a riqueza e gravidade das imagens, como esta: «Poesia, convento negro de insinuos; o comunicativo intuito de fazer ouvir so o som de brilles quebrados; e, sobretudo, a intenção de fazer ouvir o que é intuíto profundo e irremediável do poeta e melhor garantia lá sua «obra realmente criadora e original.»

## Carrinhos para Bebê Brinquedos



Os nossos carrinhos são fabricados de acreditada marca

A pronto e com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L<sup>DA</sup>  
R. Arco do Bandeira, 79, L<sup>o</sup>  
LISBOA — Telef. 2.6713  
(Atendem-se pedidos da provincia)

## PODE-LHE SERVIR PARA ACERTAR O RELÓGIO!!

As suas funções intestinais terão uma regularidade tal que, por elas, poderá acertar o seu relógio se tomar LAXOBAC, o novo chocolate laxativo.

Um remédio agradável contra a prisão de ventre, tanto para os adultos como para as crianças. Suave, mas firmemente, «LAXOBAC» exerce a sua acção, sem causar a mais leve dor ou incómodo.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Eucados 7550 e 12500 cada caixa. Lembre-se do nome.

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque uma Sulfadentina representa uma defesa permanente contra as bacterias e torna os vossos dentes sãos como nenhuma outra.

## MEAS AMERICANAS NYCO-DENT

A autentica meia de vidro

Todos os tamanhos

Acaba de receber a

## MEIA DE VIDRO

Rua Augusta, 158

O VELHO PORTO  
**Niepoort**  
sabe...  
a quem sabe



## Viagem à roda dos cinemas de Madrid

(Continuação da página 20)

desfile glorioso, por entre alas do exército dos nativos, sem saber que a Espanha há muito os considerava heróis — e que havia atribuído ao comandante do destacamento a Grande Cruz Laureada de S. Fernando, que só os Heróis podem ostentar no seu peito.

Tommy Ramon realizou este filme, cujo argumento nasceu em Lisboa, através duma conversa entre o seu autor com um jornalista português, com ele chegou a colaborar, a realização é sobria, digna e segura. E compreende-se que um assunto desta ordem, com tão emotivos tons e tão profundo significado nacional — entusiasmo e empolgo a assistência, que a produção entusiástica aplausos, nos momentos culminantes.

Filme que honra a cinematografia espanhola — é difícil que outro lhe arrebathe o Grande Prémio do Sindicato, que lhe assentará com absoluta justiça.

E para a semana, falarei de «O Diabo são Elias», com Jacinto Poceira, as irmãs Meireles e outros actores portugueses — num espectáculo cheio de interesse.

Madrid, Fevereiro de 1946.

## As Oficinas de S. José

(Continuação da página 18)

ra-Ilhas? E dirigida tecnicamente por Aníbal do Fabro.

A alfabetaria e a sapataria são as menos concorridas, mas estão habilmente dirigidas por mestres portugueses. E nada falta aos garotos. Para os que possuem a via musical há aulas de música. A sua banda, que tem feito já exhibições públicas, é um prodígio, mercê da paciência e da competência dum professor: Angelo Paganella. No saio de festas e do cinema também se têm revelado vocações para o arte de Palma. De resto, aos rapazes sobra-lhes o tempo para estudo e recreio, pois trabalham apenas quatro horas por dia nas oficinas.

A atestar a força de simpatia irradiada por esta curiosa obra social está o agrupamento dos antigos alunos, que ali possuem o seu grupo desportivo, o «Santa Cruz». As Oficinas de São José continuam a ser o seu ponto de encontro, e são eles que constituem a vanguarda do exército salesiano. A sua gratidão pela cultura recebida é uma forte alavanca que se pronuncia e leva por diante todas as iniciativas e aspirações que visam melhorar a situação dos rapazes que encontraram na vida franciscana. Como a sua força de vontade consiga, um dia, fazer descer do céu a verba desejada para alojar mais alguns terrestres!

## "55" O BATON DA MODA EM 8 LINDOS TONS

## O LIVRO DO MOMENTO A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra  
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

## CÉLIA GAMEZ

(Continuação da página 3)

— Que tal «Bambú», com Império Argentina?

— Regular. Os dois melhores filmes que ultimamente se têm feito em Espanha são «El Escandalo» e «Los Últimos de Filipinas».

— E tenciono entrar brevemente em algum filme?

— Espero que sim. Foi convidada por José Luís Sainz de Herédia para uma sua película feita sobre um argumento extraído de uma novela de Alarcón.

— ... gostaria de filmar em Portugal?

Célia Gamez sorri; porém, não sei por quê, julgo que vai dizer mal do nosso Cinema, ainda tão embrionário. Decerto adivinha nos meus olhos a minha dúvida, e é sorrindo que me diz: «Estou falada para uma película de um dos melhores realizadores portugueses, e — desculpe! — não lhe posso dizer mais nada!».

A simpaticíssima actriz volta a falar-me de Rogelio Perez, e já não sei por que motivo, diz-me que Eca de Queiroz é, com W. Fernandez Florez, um dos seus escritores preferidos. A nossa conversa toma, agora, o rumo da América do Sul. Buenos-Aires, Rio de Janeiro... Carlos Gardel, Carmen Miranda... «Sim, gosto muito, trabalhei com Carmen Miranda em 1939 na Argentina; com Carmen e com Aurora — muito simpática!».

— E tenciono levar brevemente a sua companhia a Portugal?

— Brevemente, não sei. Porém, tenciono levar lá ainda este ano umas «zarzuelas» e umas «granas-revistas»... «Grand-revistas», a editora Célia Gamez tem, por tanto, muito originalidade entre mãos. Que a «spagnuolo» lhe seja fácil e que ainda este ano ao «Trindade» acorram muitos sietores lisboetas.

## A Canção do Papagaio

(Continuação da página 15)

caso; a sua saia e ele estava ocupado em pôr em dia os seus livros de civitas.

— O que há? — perguntou ele espantado.

Sem uma palavra, estendi-lhe o jornal.

Leu-o dum fôlego, e o seu rosto manifestou uma expressão desolada.

— Meu pobre João Maria — murmurou.

Perto da janela, Jacquot espirrava. A telefonía tocava em surdina sobre a cómoda: tudo permanecia numa calma repousante.

Estávamos sentados lado a lado no sofá e, de súbito, alguém ao microfone anunciou:

— Meus caros auditores, queiram ouvir a «Canção do Coração», por Jeany Larimal...

Estremecemos e tivemos que sofrer a dolorosa carícia da voz amada. Por fim, o opressivo encanto parou e Alexis foi fechar a telefonía.

— Meu pobre amigo — repetiu ele, pondo-me a mão no ombro.

Foi então que, pela segunda vez, como alguns anos atrás, a voz de Jacquot se fez ouvir:


Nós não voltaremos ao bosque...

Um pesado silêncio acolheu a canção.

— Ora esta! — murmurou o meu companheiro.

Reminiscencia, a voz de Jeannette teria despertado a memória de Jacquot? Mas os papagaios terão realmente memória? Misterio!

Levantem-se com uma lentidão embragada. O pluma tinha razão. Os loureiros estavam cortados... todos os loureiros...

 *E' distinto!*

**PREFERIR Quimar, da PARA DECORAR**

181, Rua da Prata, 187, tel. 24646, Lisboa

## PRODUTOS QUE REJUVENESCEM A PESSOA



ASSEGURE A FRESCURA E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS USANDO

**Petróleo iodado Cliper**

Os cabelos deixam de cair — Novos cabelos nascem com abundância

Experimentar os produtos Cliper significa adoptá-los para sempre

## MAYÁ O FIGURÃO DA MULHER ELEGANTE

O album de modas que as mulheres portuguesas mereciam

Assinaturas:  
**SPA** — Rua do Alecrim, 43, 1.º — Lisboa

Distribuidora:  
**Editorial Organizações**  
Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa



# MÁSCARAS

**N**ESTE Carnaval a «Caçada da Glórias» vai ter a honra de oferecer nas suas colunas um grande baile de máscaras. Será, por certo, uma festa memorável. Toda a Lisboa literária, artística e mundana não deixará de assistir a ela, com o seu melhor sorriso — e com a sua melhor máscara. Antecipando-nos aos cronistas mundanos, a quem caberá o encargo de descrever o próximo baile *masqué* (evidentemente com tinta mais cor de rosa do mundo), não resistimos à tentação, ainda que indiscreta, de deventar, desde já, aos nossos leitores, os figurinos de algumas máscaras ilustres...

\*\*\*

Júlio Dantas pensou na purpura dum dos cardais do Sacro Colégio. Depois optou por ministro do senhor D. João V. Uma berlinda solene, nobre como os próprios cavalos que a tiram, parará junto da nossa Caçada; um criado empoado descerá o estribo e curvar-se-á numa manobra: o autor do *Amor em Portugal no século XVIII* descerá, de casaca de seda, e, em menos dum Padre Nosso, estará, em pleno baile, ora seguindo através da luneta de punho de ouro a revoadas viçosas das raparigas bonitas, ora deixando cair, de quando em quando, a caixa do rapé para mais de perto a perna de Madame X ou de Mademoiselle W...

\*\*\*

Digam tudo o que quiserem a Palmira Bastos — mas não lhe digam que ela tem mais de dezoito anos. Então perde a cabeça! É — sejam lutos — com razão. Primeiro, porque não é elegante falar da idade a uma senhora; depois porque ela, de facto, está em plena mocidade — nos seus dezoito anos loiros e eternos. Palmira Bastos, e muito bem, surgirá de *Menina e Mopa* — como a donzela de Bernardim... Enternece-dora máscara!

\*\*\*

Rocha Martins — o mais jovem dos nossos socialistas — apresentar-se-á de frade franciscano (de resto, ele chama-se Francisco) e trará os pés descalços e a corda de nós à cinta... Se o socialismo é, no opinião de alguns, o bem da comunidade, não sabemos de qual máscara para um socialista!

— Fra Francisco, a sua bênção...  
E estamos já a ouvir-lo:  
— Eu vos abençoi, in nomine Patris et Filii Sociolistorum...

\*\*\*

Manuel Santana, caricaturista empunhando, verdadeiro «estratista» de nós todos, virá — foi ele próprio quem nos disse — de «Conselheiro Actéio». Ele, o Santana, que é a negação de Actéio! Estamos já a vê-lo com a sobrecasaca e o colarinho alto, a caixa de rapé e a calva reluzente (claro, postico) do célebre conselheiro — actualmente *lho* falado. Máscara efêmera? Talvez. Mas que lição tremenda dá para alguém que não é Actéio a tantos que, o sendo, querem passar porque o não são!

\*\*\*

Oliva Guerra causará espanto. Desta vez não será Guerra; será Paz. D. Oliva Paz. Virá envolta numa nuvem branca de *moaxéme*, e trará, nas duas mãos, uma pomba, e na outra — um ramalhete de oliveira. Que importa que esta máscara de D. Guerra dure apenas a efêmera eternidade dum baile *masqué* — se nesta eternidade efêmera cabe uma perpétua luzão?

\*\*\*

João Maria Ferreira ostentará um gracioso costume de «Pierrot» — um «Pierrot» de Ga-vanni, com as suas pantalonas brancas e os seus

imensos botões pretos — e fará as delícias da assistência dizendo versos, muitos versos, metros e metros de versos de vários metros... Se, naquela alegre estufante, pudesse aparecer o «Pierrot melancólico de Verlaine não deixaria de comentar, olhando o seu ilustre irmão barbudo:

— Isto de fazer versos ainda é uma coisa desolante!

\*\*\*

Maria Eduarda Lapa — a pintora das flores — virá com um vestido de fantasia em que haverá flores pintadas por todos os lados, rosas, lírios, violetas, cravos, gerânios, mimosas, ervilhas de cheiro, e até um imenso girassol com alguns metros de altura... Não será uma mulher: será um jardim. E para dar uma maior realidade, nas suas mãos pendêr-se-á um regador com que irá regando as flores do seu vestido... Não se pode exigir mais.

\*\*\*

Artur Fortela escolheu um apertoso *travesti*: uma fidalguinha do século XVIII. Cadeleira empoada, um minúsculo sinal de tafetá na face esquerda, um graciosíssimo sapato de veludo vermelho calçando um pé — que S. Ex.<sup>ta</sup> o sapateiro de Chouzy, daria a vida por calçar. Será Wateau puro! E que graciosidade tomará nas suas mãos, crispadas de jóias, cintilante bisnaga, cristal e ouro, com que ele bisnagaria tudo... de adjectivos!

\*\*\*

Lopes de Oliveira — uma alma de pomba com um bigode de granadetro — será, por algumas horas, D. César de Bazan, Espadim, chapéu de pluma, ar arrogante. E nessa noite — estamos certos — perguntam-lhe se ele é o D. Lopes de Oliveira, e ele responderá, como D. César, repuxando a bigodeça:

— Não. Eu hoje sou o Rei!  
Beio diáscare para um democrata.

\*\*\*

Maria Matos, que hesitou entre o *travesti* de *Padrinho de Charley* e a túnica da tragédia grega, acabou por decidir-se — e virá de Maria da Fonte, com uma arma a tiracolo, gritando contra os Cabralos do Teatro Português — ela que tem sido obrigada a representar tão bem em tanta peça má!

\*\*\*

Gustavo de Matos Sequeira aparecerá simbolicamente de velha de capote — lenço, e dizerá simbolicamente por que essa velha não será mais do que a imagem (deixem-me chamar-lhe romântica) da antiga Lisboa, pitoresca e tradicional, que o Progresso tem transformado, no opinião de muitos, para pior... Esteja Gustavo de Matos Sequeira nos seus dias de lenço e o que a velha não dirá, embocada no capote!

\*\*\*

Alves da Cunha trará de *Napoleão* — o mais atrevido dos Bonapartes. *Redingote gris* e o chapéu triangular semelhante àquele que, por um momento, fez sombra a Europa inteira. (Josefina não virá porque o Imperador se separou dela, depois dum cena violenta no D. Maria) O *Napoleão* de Alves da Cunha — que muito julgou ser Mussolini — causará a admiração de tudo quando ele for dizendo, aqui e além, por entre os mascarados, aquelas carnavalescas palavras que o autêntico escosso costumava dirigir aos generais e aos ministros...

**PÁGINA DE LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES**

Os trajes não devem entrar a rigor. Se houver alguma semelhança com a verdade, é pura coincidência.

# OFICINAS DE S. JOSÉ QUER DIZER: RAPAZES FELIZES!



Os trabalhos mais delicados de encadernação saem perfeitos das mãos dos rapazes.

**CINCO PADRES ESTRANGEIROS  
PARA MIL CRIANÇAS PORTUGUESAS  
ASVOCAÇÕES APROVEITADAS DOS MESTRES  
UMA OBRA A AMPLIAR TRÊS VEZES**

**REPORTAGEM DE JUDITH MAGGIOLY E SERRA RIBEIRO**

**D**ATA de 1859 a primeira reunião que, em Turim, por iniciativa de D. João Bosco — mais tarde canonizado santo — foi fundada a obra salesiana que irradiou pelo mundo a proteger as crianças infelizes.

Em Lisboa são bem conhecidas as Oficinas de São José, colossal organização que inclui secções de ensino primário, comercial, industrial e profissional para alunos internos e externos.

Mas, por todo o país, as raízes dessa importante missão educadora apertam num abraço benéfico o Estoril, Évora, Mogadouro, Póvoa da Régua, Porto, onde a projecção é idêntica à de Lisboa: Semide, Vila do Conde, e até as colónias: Cabo Verde.

Foi agora comemorado o dia de São João Bosco. Nas Oficinas de São José houve grande festa, e na sua sala de cinema os rapazes representaram um drama em três actos: «Ivonka». Na nossa visita ao importante estabelecimento, ocorreu-nos esta reportagem e, então, viemos a saber que todos os domingos se reúnem no terreiro cerca de mil crianças, na maior parte rapaziños da rua, para gozar do «Grande Festivo».

Este inclui, entre outros ensinamentos, o do desporto.

Num laço verdadeiramente fraternal se encontram unidos, aos domingos, os cento e setenta e cinco internos com os duzentos externos, arrolado este número das crianças que ali acorrem, de todos os lados, e que chegam a somar setecentos rapazes vindos da rua.

Para organizar e tornar feliz esta avalanche de petizes, basta um razoável número de homens: cinco padres, seis seminaristas e seis leigos, tendo à frente um grande Director, o Dr. Paulo Cóllet. Todos usufruem, porém, a regalia de dirigir, confiando-se mutuamente os mesmos sacrificios para um mesmo fim.

— Desejariam estes directores — dizem-nos um deles, o padre Agostinho — acolher um número de internos três vezes maior, mas as instalações são insuficientes para tal realiação, e verba para ampliações não existe!...

A cargo desta obra estão ainda dez crianças do Asilo do Estoril; vinte e sete mandadas pela Assistência — e dez do Governo Civil. Os rapazes saem dali mestres nas várias profissões, pois os finalistas recebem diplomas de exame passados pelos respectivos sindicatos. Igualmente, os cursos comercial e industrial que ali funcionam estão reconhecidos pelo Ministério competente.

Passemos pelas oficinas. A de tipografia, num grande pavilhão arejado, batido de sol, é das mais importantes. Dirige-a Achilles Marchetti, que possui o segredo de alinhar os pequeninos tipógrafos e impressores com ordem e boa disposição.

Segue-se a oficina de encadernação, apetrechada para todo o género de trabalhos, os mais ricos e difíceis. Lorandi, o director, tem, além de vastos conhecimentos, um apurado gosto artístico. É a carpintaria, onde magente de poucos palmos trabalha magente de poucos palmos.

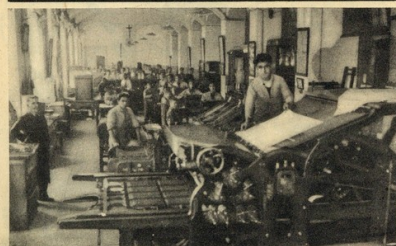
(Continua na página 16)



Os grandes artistas começam assim...



Os rapazes trabalhando na oficina de encadernação



Uma tipografia ampla e bem iluminada



No campo de jogos chegam a reunir-se cerca de mil crianças!

# VOU APRESENTAR A VÓS AS "MONSIEUR DE L'AGE", QUE EM QUASE 90 ANOS E TRABALHA COM A ALEGRIA DUM RAPAZ DE 20

**P**OIS é verdade — Vicente Dellage, sorridente e feliz, está aqui ao nosso lado, um pouco admirado da objectiva do fotógrafo, que o vai surpreender dando de comer ao «Lings», um cão irrequieto, sequimão de gema, fogueiro como um touro.

Dellage não aprecia as entrevistas. Ele acha que é um homem modesto, apagado, vivendo do seu trabalho cotidiano, ali na Sociedade Propaganda de Portugal, onde é mordomo por direito e simpático. Tem os hábitos correctos de palaciano. Sabe-lhe bem andar nos tapetes, deitar as salas tapetadas, direito e impecável, apresentando as visitas. Por debaixo das janelas passa o tempo elegante, num desfile janota, que ele conhece há anos. Lisboa é uma cidade que conhece como as palmas das suas mãos. Nada pode trazer de novidade. O chiquismo das modas, a escoeterie das damas, o envernizado dos elegantes, tudo Dellage conhece, há mais de cinquenta anos, debruçado daquelas varandas, que são a sua casa. Viu o mundo elegante deslizar. Ontem, as damas aperaltadas, de longos vestidos cintados, com os noivos tapados; hoje, as meninas «szelings», de saias pelo joelho, delgadas e estreitas como um vidro, de sangue de «lamour», olhos voluptuosamente unidos de «rimas», trajectos maganos de «Baton» que sonham em Hollywood, vivendo eternamente na Grace ou no Bairro Azul.

O sr. Dellage, a caminho duma idade que é, americanizada, um record de duração, tem, sem o saber, um livro de memórias para encher Lisboa de optimismo. É que ele, acima de tudo, foi o acompanhador da botemia lisboeta, em cima da tipón, batendo com a fidalguia para o Campo de Santana, onde o Felixinho arrancava ovações, ou para o Dafundo, na estirida de ceatas com guitarras e fadochico.

Bons tempos em que, por um toirão, a banta genita, a garganta chovava e os copos de vinho, num redoplo, desandavam do balcão a encher de alegria o alegre rapadada.

Lisboa ainda, sentimental, agénia o seu brilho no candelero de casa. O Bairro Alto, afastado de nauvala em riste, era de temer nos cotoveiros apertados onde se estripava por «dá» e aquela palha. Na Mouraria, do salto de prateleira e das rusgas da policia, qualquer valentão, ao gemer m'guitarra, punha-se em silêncio. O fado era a lei! — a ramelra, cheirosa a alicerin e a alvalade que lhe pintava os olhos, usava as saias rodadas e os botinas da Severa.

O Campo de Santana era o pinhal da fidalguia. Era ali que o misculado, téso, forte, tomava provas. Enfrentar um touro, de peito aberto, era valentia que deixava rasto.

Os fidalgos desciam à arena. A peça do touro, quando mais perigosa, Lisboa destemida e valorosa se tornava. Ainda ninguém pedia, nos botiquins, café com leite ou café. Nos retiros imperava a sardinha assada e os pimentos — o carraço e o bague.

O sr. Dellage foi testemunha dessa época. E com quantas saudades ele evoca. Lembra-se do Entrudo. O barulho dos «ché-chés», corpulentos, ginguando de faceta à espera dos pastores que caíam nas bandejas. A batalha das flores,

\* Vicente Dellage conta, com alegria, alguns episódios da sua vida. A seu lado estão o jornalista Luis Lupi, a quem Dellage chama «paiinho», pela protecção que lhe tem dispensado, e o nosso camarada de redacção Manuel Martinho.

com os ovos esborrachados na cara dos assistentes — hoje os ovos só por empenho e de chapéu na mão — o pó de sapato, o zarcão, a farinha, os baldes de água, tão divertidos que deixavam as pessoas num pingo. As buzinas, os «clicsons», os assaltos, tudo tão divertido e animado. As janelas do Chiado atugavam-se, como os camarotes de teatro. No outro dia, as cartogas da Câmara levavam, ateadas, alqueires de milho e batata. Esquichava-se, com volumosas bisnagas, a cara dos transeuntes, que, a rir, achavam graça.

— Uma vez — conta Dellage — no Chiado houve tal furor de serpentina que as janelas pareciam um arraial.

\* \* \*

Vicente Dellage nasceu em França, e veio para Portugal ainda pequeno. Os pais viviam muito bem, e souberam, por isso, dar-lhe uma educação.

Erani muito conhecidos em Lisboa, pois a loja do Dellage ourives era bem afreguesada.

Quando chegou à idade escolar foi para o colégio das Irmãs da Caridade — depois de ter sido baptizado em S. Luís, rei de França.

Ali, Dellage conviveu com alguns fidalgos portugueses.

À vida, porém, não lhe foi propícia. Teve de trabalhar para manter a família. Acompanhou os boémios servindo de boileiro, nessas tipijas desengonçadas que encliam o empedrado de lume.

— Corri por todos os retiros! — começa Dellage por nos contar. Onde havia patuçada, era certo chegar com os meus fidalgos.

Lembro-me do Marquês de Castelo Melhor, um valente, o Tojal, o Alferrarede, o Edmundo Cordeiro — e, até, o malogrado António Martins, que deixava toda a gente embasbacada com os seus tiros certeiros.

«Na Praça do Campo de Santana vi os maiores tourados. O «sixilho» levantava a praça de entusiasmo. Aquilo caíam as alfomadas e o delírio parecia não ter fim.

Nos olhos de Dellage passava um clarão de vivacidade. Dir-se-ia que aquela evocação lhe dá modice. É a vida que recua, diante dos seus olhos. E depois duma pausa, prossegue:

— Quando foi da República, morava eu no Largo dos Loios. — Mas fazia, então?

— Olhe, trabalhava em cartomagem. Fazia cartinhas de papélio para abastecer as farmácias. Os tiros eram de enfiada. Por cima de mim morava um grande revolucionário. Julguel que era o fim do mundo. Por fim, aquilo serenou. Kroude-se o regime. Comecei a trabalhar Magalhães de Lima estavina-me muito. Era bondoso. A vida tornou-se difícil. Precisei de arranjar uma ocupação certa. Vim, então, para aqui, para a

Sociedade Propaganda de Portugal. — E que tal?

— Oh! Tenho encontrado neste ambiente uma tranquilidade e um acolhimento simpático que nunca mais esquecerei.

E Dellage, a rir, apontando Luis Lupi, verdadeiro animador da Sociedade: — É o meu pai. Quero-lhe tanto que, há dias, quando fez anos, vim dar-lhe um beijo.

Luis Lupi sorri. Ter um filho daquela idade é um absurdo.

— Aqui trabalho. Todos os dias falo com o meu «lings», que sempre me desobedece, com o seu temperamento fogueiro.

— Nunca viajou, Dellage?

— Nunca. Só uma vez fui ao Porto, no Congresso de Turismo. A minha vida tem sido sempre feita em Lisboa. Levanto-me cedo — e gosto de



Dellage e o «lings» são bons amigos. O velho mordomo, da Sociedade Propaganda de Portugal gosta dos diabrões do cão — e das carícias que ele lhe faz.

Fotos do grande repórter americano PETER CARROL





Cantora vedeta, bol-  
lorina, aqui vêm, lei-  
torino, em todo o seu  
desseio, a linda Ann  
Miller, rainha do stop-  
-dances — e dos vossos  
corações...

# VIAGEM A RODA DOS CINEMAS DE MADRID

Por FERNANDO FRAGOSO

**M**ADRID tem actualmente em exhibição alguns filmes de incalculável interesse. Nos cinemas de estreia vemos, lado a lado, na Gran-Via, «Os Invasores» e «A vida e a morte do Coronel Blimp», que o crítico de «Informaciones» declara tranquilamente serem os remédios mais eficientes contra as ináxias, que até hoje chegaram àquela cidade... Não nos deve surpreender o tom da apreciação, sabido é que os nossos colegas do país vizinho não costumam usar aqueles circunlóquios que é de uso adoptar, entre nós, quando há que apreciar um filme que não merece aprovação... É esta atitude vale, em Espanha, tanto para os filmes estrangeiros como para os nacionais, que ouvem, por vezes, duras verdades! Como estão nos habituados os nossos cineastas, sempre tão susceptíveis perante as restrições que se possam fazer ao seu trabalho...

Mas, voltando aos «Invasores» e «A vida e a morte do Coronel Blimp», digamos que o primeiro tem como maior polo de interesse o desempenho de Laurence Olivier, de Anton Walbrook e, sobretudo, do malogrado Leslie Howard, numa história que está abaixo dos méritos dos artistas que se interpretam. Quanto ao «Coronel Blimp», filme dos mais representativos da cinematografia britânica, vale pela extraordinária criação de Roger Licoeres, na figura do biografado; pelo acerto da realização e ainda pelo correcto labor de Michael Powell, cineasta de créditos firmados em obras anteriores. O filme constitui, de qualquer maneira obra de exaltação das virtudes britânicas, através da história que se conta, e que vem desde a guerra dos «boers» até os nossos dias.

Deanna Durbin surge na tela do «Avenida», no seu filme mais recente, «Lady on the Train». Importa desde já assinalar que a Espanha está vendo filmes sem atraso. E a comédia de Deanna, que Lisboa só terá na temporada próxima, assim o demonstra. «La dama del tren» é a aventura duma excêntrica viajante intoxicada por romances policiais, e que um dia, através da janela do comboio em que viaja, assiste, num ponto de passagem, à consumação dum assassinio. Perante a incredulidade da polícia, resolve pedir a ajuda do autor favorito das novelas que tanto a apaixonam — e o filme é todo a sua aventura até descobrir o criminoso. O momento da comédia musical e do drama simultaneamente dá público divertisse com os peripécios picarescos sem deixar de estar preso do desfecho para saber quem matou...

Como todos, o filme é «dobrado». Deanna fala espanhol, mas canta em inglês. Para quem não está habituado à dobragem está «desencantado». Há artistas que perdem inteiramente alguns dos seus valores dominantes, como, por exemplo, Edward Everett Horton, num papel excelente e que «dobrado» é pouco menos do que banal. Sob este aspecto, porém, há exemplos mais brilhantes, de que falaremos noutra crónica. Os principais cinemas de empresas madrilenas dão-nos, porém, «Os últimos dos Filipinas», unanimemente considerado o melhor filme que até hoje se produziu em Espanha. É uma obra à glória, à bravura e fidelidade dum punhado de soldados espanhóis, sitiados numa ilha, durante a guerra da independência das Filipinas. Durante mais dum ano, esses homens e soldados do mundo, resistentes a todos os ataques, à fome, à peste, à tralala — para manter bem alto a bandeira que lhes foi confiada. Muitas coisas se passam no interior da improvisada fortaleza. Fora dela, os factos desenvolvem-se com impressionante rapidez. A Espanha perde a guerra e independente. Mas os homens que defendem o reduto não acreditam. Supõem que todos esses factos que o timpo lhes comunica não passam de estratégias para os forçar a negociar a rendição. E que os formais que os soldados filipinos lhes enviam são falsos... Mas um dia, num desses periódicos, vêem uma notícia de carácter pessoal, que não podia ter sido inventada! E então, compreendem que é inútil prolongar a resistência. Havia mais rum ano que ali combatiam. E tal a admiração pela sua coragem e bravura, que os sitiados aceitem a negociar a rendição. E assim a caminho da Pátria, livres, de armas ao ombro, num

(Continua na página 19)



Ginger Rogers, a querida vedeta do cinema, anunciou recentemente o propósito de abandonar a cantoria, onde conta os triunfos pelo número dos filmes que tem interpretado. Trouxe de publicidade? Tudo o indica! Gíngor Rogers tem uma carreira magnífica à sua frente — e nada justifica a deliberação, se é que alguma vez pensou em a tomar...



Um... dois... três... Eleanor Powell e Red Skelton ensaiam o bailado de um dos seus próximos filmes. Red parece pouco seguro dos resultados. Eleanor, por seu turno, sorri confiante. Qual será o resultado? Eis o que só sabermos quando o bailado se desenrolar completo, nas telas de Lisboa.

BETTY  
GRABLE  
MAMÃ!



**U**MA publicidade mal orientada, ou orientada unicamente com a preocupação de despir as vestetas dos seus atributos humanos, para os apresentar como seres irrealis — levou aquelas pessoas que se interessam por estas coisas de cinema a supor que as vestetas de cinema tinham, de facto, que viver à margem das leis humanas que regem todos os mortais... E, assim, nem sempre lhes seria fácil admitir que aquelas artistas que os deslumbraam são, na vida privada, excelentes esposas ou adoráveis mães de família mais ou menos numerosas...

Pois, caríssimos leitores, é isso mesmo que sucede. E se algumas dúvidas subsistem no vosso espírito, atentem nestas fotos de Betty Grable, onde ela se nos mostra com Vickie, o filhinho que é o enlevo dos papás — Betty e Harry James.

## JURJA CURTWRIGHT

**P**OR muito estranho que pareça, Hollywood é o único recanto do globo onde podem ainda encontrar-se réplicas autênticas da lendária «Gata Borrallheira», tocadas pela varinha mágica duma fada bemfazeja e tornadas, deste modo, dum instante para o outro, de apagadas moças de cozinha, em deslumbraante e graciosas princesas.

Simplemente, as egatas borrallheiras de Hollywood não vivem nas cozinhas, mas nos escritórios comerciais ou nos grandes armazéns de modas; a fada protetora surge aos seus olhos deslumbrados na pessoa dos descobridores de talentos; os príncipes chamam-se apenas «realizadores»; os palácios encantados são os estúdios. E, se no fim da mutação, as não vemos cruzar as portas de senhoriais moradas, podemos, entretanto, assistir à sua triunfal entrada nos estúdios, conduzindo «roadsters» de alto preço, enquanto o porteiro se desbarbeta, no rasgado cumprimento que só as vestetas merecem...

Esta Jurja Curtwright — esperamos que, com o tempo, arranje um nome mais fácil — esta Jurja Curtwright, dizíamos, é a última egata borrallheira de Hollywood.

Estava empregada no escritório do famoso produtor Seymour Nebenzal e contava-se entre as mil e uma raparigas que haviam corrido a Hollywood em busca da glória cinematográfica, para afinal se quedarem em

empresas mais modestas... Jurja aceitou, deste modo, o encargo de ler os argumentos que davam entrada na firma e resumiu-os, depois, sucintamente. Ora, certo dia, passou-lhe pelas mãos uma história intitulada «O Truão». Jurja ficou enamorada do papel da protagonista. Parecia-lhe assentar como uma luva. Era o que sempre havia sonhado. E de tal forma se sentiu atraída pela personalidade da figura que via erguer-se ante os seus olhos, que não hesitou. E de tal forma se houve no interesse com que advogou a sua causa, que Nebenzal acabou por lhe mandar fazer provas perante a câmara de filmar.

E provas foram essas que, dias depois, o papel ambicionado lhe era atribuído definitivamente. Aos jornalistas, Jurja limitou-se a dizer: — Estou convencida de que triunfarei. Mas se falhar, voltarei à minha situação anterior. A máquina de escrever e a secretária são ainda um refúgio para as grandes destituições do cinema...

Daqui se infere que Jurja Curtwright é uma rapariga de espírito — e de comprovado bom senso.



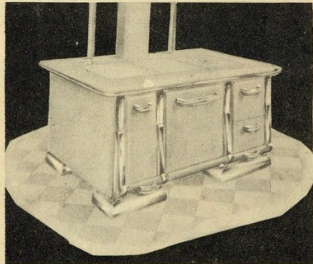
A «GATA BORRALHEIRA» DE HOLLYWOOD

**MONTEGIL**  
 Água de Colônia  
 Parque Florido  
 Pó de Arroz e Rouge  
 Três productos indispensáveis à  
 distinção da mulher



**Montegil** ★

**Solidez  
 e boa apresentação**



São as qualidades de fabrico dos

**FOGÕES  
 COFRES  
 E BALANÇAS**

Das fabricantes:

**ALBERTO DA SILVA (IRMÃOS), LIMITADA**

Rua do Arco do Bandeira, 129 = Telefone 24463

e no revendedor

**JOSÉ DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA**

Rua dos Correiros, 105 e 107

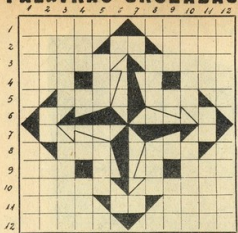


**Miss Heartquelling  
 PRIMEIRO PRÊMIO DE BELEZA**

Último concurso de Beleza para eleger a mulher mais perfeita do universo realizou-se em 1930. O leitor deve lembrar-se desse desfile de belezas — parada onde o entusiasmo dos espectadores atingiu proporções gigantescas. «Miss» Espanha era uma rosa de Valência; beleza ardente, impetuosa de mulher fatal, o encanto duma cigana cujo sangue fosse feito de labaredas. Passava sorrindo como se mordesse um cravo, coleando num ritmo que tinha a cor musical do requêbro duma jota aragonesa, duma risada de pandeireta. Tardes de toiros, *repas* onde o amor é poeta, mantos e violões, castanholas, tudo estremecia e vibrava naqueles olhos escurissimos de morena. Depois, «Miss» Inglaterra. Tinha um nome que sugeria contos de Swift, baladas de Walter Scott, e como se fôra a *Ligeia* de Poe, presentia-se a sua presença entre o fumo dum cachimbo Dunhill, o fog londrino e um cálice de «cherrybrandy» à hora cinzenta em que os omnibus desenhavam riscos no asfalto do *square*. Possuía a graça incomparável duma Tribby romântica arrastando a grande dália da sedução. Apececia beber o «whisky» dos seus olhos verdes... «Miss» Itália era uma estrela das noites de Veneza lanjeouladas de gondolas... Tudo nela cantava, e no seu olhar a velha cidade dos Doges sonhava, desde a Ponte dos Suspiros ao canal da Giudecca, por onde rolava a canção dos barqueiros como um perfume pelas aldeias dum jardim... «Miss» França era toda a leveza espumante de Paris, loira como champanhe, tipo irresistível de *midnette*, leve e saltitante como uma andorinha. Tinha um nome adorável de garyorn, e parecia ter descido dum Watteau transformada no último modelo da Patin. Toda ela era Paris, Bovy apaixonada, Manon Lescaut sentimental, última condessinha da Place Pigalle, heroína da soberba *Chausée d'Autin*... «Miss» Holanda, túlipa rara com embebedantes aromas, grande dama loira, dum loiro-mel estranho como a *Marina*

de Ceário, Vénus de Rubens, era a Holanda cheia de flores, jardim do mar, evocando a canção sonolenta dos moínhos arranhando ceto azul das tardes plácidas com névoas brandas sobre as ilhas. O leitor lembra-se... Vinha depois «Miss» Bélgica, flor nórdica, trecho selecto que o arco de Malines despertava no violino mágico de Bruges; «Miss» Argentina, sol da pampa; «Miss» Austria, sortilégio de Viena cujo nome sabia a violinos gementes no Schoenbrunn e a valsas languês; «Miss» Rússia, elegante como uma arquiduchessa dos romances de Tourgueneff; «Miss» Turquia, descrevendo à nossa imaginação a luz roxa do harem numa noite abafada na volúpia dos coxins de Onjeid e dos tapetes de Stambul... Esses anjos diabólicos da tentação desfolarham no grandioso torneio do lino fantástico, o lino vermelho da sua graça. Os concursos de Beleza tornaram-se extensivos a gatos, a cavalos, a cães, a papagaios... Nos «zoo» das grandes capitais, júris circunspectos admiraram e discutiram variadíssimos espécimes de raças e deram o seu voto à elegância aristocrática dum galgo ou à gracilidade ondulante dum angora. Vieram os concursos de animais de ceva e de pombos correios. A estas exhibições de espécies e de tipos não se lhes pode chamar concursos de Beleza. Aos suínos atribui-se-lhes prêmios pela corporelência, como aos canários pela maviosidade do seu canto, e aos galos pela imponência bélica dos esporões aguçados para o combate. A última notícia que temos dum autêntico Concurso de Beleza foi o realizado agora em East Range, na Califórnia, onde se tratou da eleição da mais bela das vacas. O primeiro prêmio foi atribuído a *Heartquelling*, graciosa e elegante formosura da família dos bovidos que apresentamos aos leitores: — «Miss» Heartquelling, primeiro prêmio de Beleza, a mais sedutora das donzelas ruminantes da nossa época...

# PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 56 (Concurso)

Por **Lino António Roberto Magalhães Quinteiro**, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (Lisboa)

Atenção: Entre os solucionistas deste problema será sorteado um livro da coleção de «Vida Mundial» editada.

**HORIZONTAIS:** 1.—Fêmea do rinoceronte; idioma africano falado na Guiné portuguesa. 2.—Maré forte; pequena cidade da China, na província de Juman; o nome de uma das Países. 3.—Nome de homem; antigo marquês da França no departamento de Corrèze, com palácio real, dado por Luís XV à senhora de Etoiles, que dali tomou o nome de Marquesa de Pompadour. 4.—Composição poética em louvor da Virgem; ave noturna de África. 5.—Emboçadora de rio; pequeno peixe, em forma de rata. 8.—Mulher criminhosa (termo antigo da jurisprudência); letra grega. 9.—Interjeição que designa cansaço; variedade de melão (provincianismo alentejano). 10.—Sinal antigo que, no fim de uma linha de música, indicava a primeira nota da linha seguinte; opressão. 11.—Ave de rapina do género do falcão; abreviatura de sestibólio; nome próprio do escritor francês Caen, autor de «Féltos

## NOVA MODALIDADE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3

1	B	A	R	A	M	A	D	R	E	R	A
2	O	V	A	L	A	V	I	V	A	R	
3	L	I	M	A	R	E	T	A	Z	A	
4	A	D	O	R	E	D	O	D	E		
5	K	A	S	N	I	S	S	O	A		
6	E	S	T	A	U	A	U	H			
7	S	T	R	E	H	A	A	S	A		
8	I	K	A	Z	A	T	A	R			
9	A	R	H	A	A	L	V	D	E		
10	T	A	Z	A	R	A	D	R	A	L	
11	A	R	A	L	I	A	S	A	S	O	

## SHAMPOO-TINT RAPIDOL

É a tintura que guarda sempre o segredo do cabelo descolorido. É o método moderno para recolorar o cabelo descolorido



É uma tintura que ganhou justamente o título de «Tintura Magistral» e por isso é usada profissionalmente em todo o mundo

À venda nos principais estabelecimentos  
Distribuidor exclusivo para Portugal  
**G. DE CAMPOS MARTINS**  
Caixa Postal 826 ~ Telef. 81-951



# PASSATEMPO



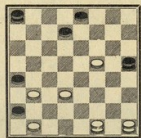
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 56 do Bandoeiro, 109, 3.ª LISBOA

## DAMAS

PROBLEMA INÉDITO N.º 48

Por **Adamastor M. P. da Costa** (Porto)

Branças: 4 pedras e 2 damas.



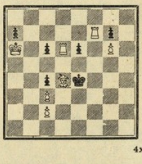
Pretas: 4 pedras e 2 damas.

Jogam as brancas e ganham.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 28

Por: **Dr. E. Witte**



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 27

1. Bh8. Cf6. 2. Dg6. Re5.
3. De4x miniatura estratégica.

### UMA PARTIDA DE XADREZ

Apresentamos hoje aos nossos leitores a 2.ª partida disputada em 7 de Janeiro de 1946, no Casino Estoril, entre o campeão do mundo Alekhine e o português Lupi, que foi o vencedor.

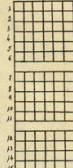
Branças: Francisco Lupi.  
Pretas: Alexandre Alekhine.

1. e4, e 6; 2. d4, d5; 3. Cc3, d x e4; 4. C x e4, Cf6; 5. Bd3, Cb8—d7; 6. Cf3, C x e4; 7. Be4, Cf6; 8. Bd3, b6; 9. 0—0, Be7; 10. Ce5, Bd7; 11. c3, 0—0; 12. Bc3, Be6; 13. Dc2, c5; 14. Tf—d1, Cd5; 15. d x e5, Dg7; 16. Cf3, B x e5; 17. Cg5, e6; 18. Bc1, Td8; 19. Be4, Bf6; 20. Df3, Bg7; 21. Dh3, h6; 22. Cf3, C x c3; 23. T x d8, D x d8; 24. T x c3, B x c3; 25. Td1, Dd1+; 26. Bf1, Dc2; 27. D x h6, Bg7; 28. Dh3, g5; 29. Cg2, D x e2; 30. Bd3, f6; 31. Bc4, Dc2; 32. B x e4+, Bf7; 33. B x f6, Dd1+ x 34. Cf1, Dh5; 35. D x h6, B x h6; 36. Bcd+, Rh7; 37. Tf7, Tc8; 38. Bf3+, Rg8; 39. B x g5, Te1; 40. g4, Be8; 41. Bd2, Te2; 42. Bf3, T x d2; 43. C x d2, a5; 44. Bc4+, Rh7; 45. Cb3, a4; 46. C x c5, Rh8; 47. C x d2, a4; 48. Bd3, Abandonar, g5+, Rg6;

## PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 9

Por **Augusto Teixeira Marques**, dedicado ao seu amigo **Filipe Almeida** (Rua Teles Mota Corte Real (Baiundo-Anopta)



ENUNCIADO

- 1) Torna conhecido. 2) Borda.
  - 3) Pequena rede triangular para a pesca de lulas. 4) Fraude. 5) Arrebatamento. 6) Arte militar.
  - 7) Tributo. 8) Balbúrdia. 9) Provisões alimentícias para pequena viagem. 10) Antigo povo da Palestina. 11) Declive. 12) Gramalheira. 13) Recear. 14) Resistir. 15) Firme.
- Atenção — Na coluna vertical (x) aparecerá o nome de um nosso amigo e colaborador, que se encontra em Angola.

## RESTOS POPULARES VISTOS AO CONTRÁRIO

N.º 1  
A cara que acima apresenta, mesmo não é de nenhum mineiro velho que tenha o rosto preto e o cabelo branco. É o rosto, em negativo, dumas das figuras mais populares do mundo e do cinema.

Diga-nos, de quem se trata?



## HIEROGLIFOS

COMPRIMIDOS  
Publicados em 21/2/1946  
Soluções: 1) Obito. 2) Licor. 3) Erguida.

## CHARADAS

(Publicadas em 21/2/1946)  
Soluções: 1) Ataca. 2) Atalala. 3) Barca. 4) Barbotina. 5) Bilgemo. 6) Ecliano.

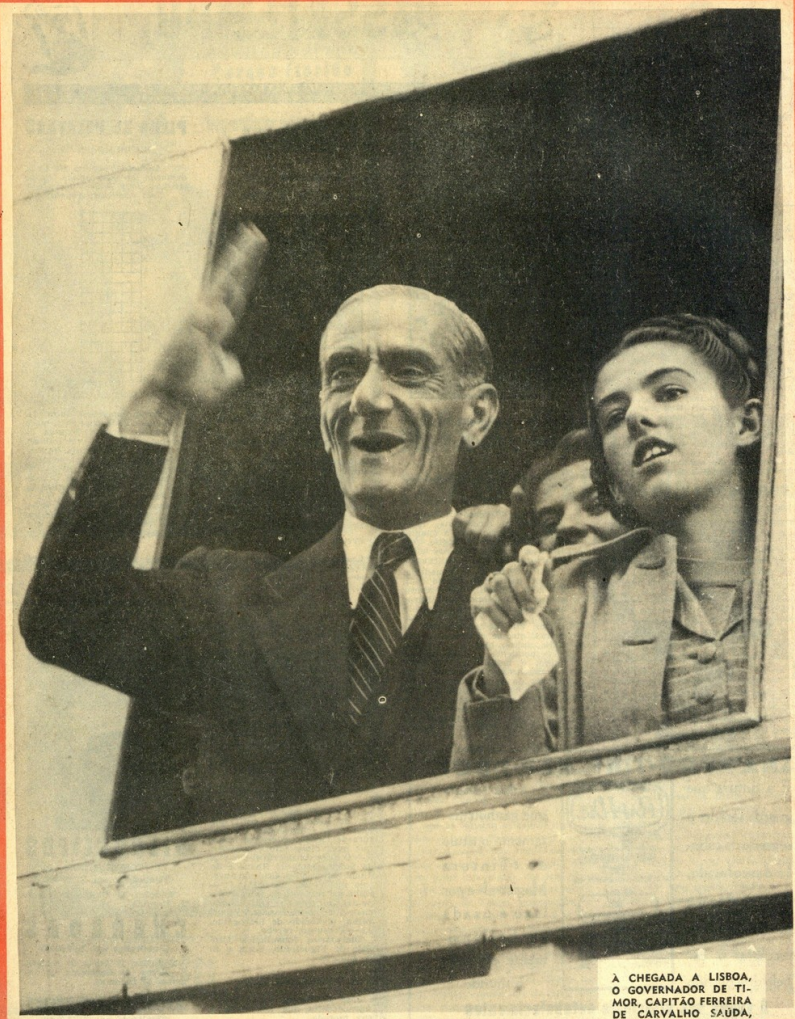
## MAÇADA GEOGRÁFICA

(Publicada em 21/2/1946)  
Alverca; Abul; Anadia; Almada. Almeida; Agueda; Anca; Candosa; Beringel; Armamar; Atalala.  
Ceta; Colares; Murça; Cascais; Moita; Paredes; Fraguas; Aradas; Chaves.

de toda a Finlândia. 8.—Advérbio de lugar (term. ant.) que quer dizer apara onde; abreviatura da locução adverbial latina que quer dizer «afora o mais». 9.—O mais considerável dos rios da Suíça depois do Reno e do Rhono; altar. 10.—Cruçado novo; tojo que cresce na areia. 11.—Filho primogénito de Isaac, irmão de Jacob; nome que antigamente dava o irmão mais novo ao mais velho; protóxido de hidrogénio. 12.—Prestunio; recibo. 13.—Dicionários consultados: Cândido de Figueiredo, Faria e B. A. Ligeome.

### CORRESPONDÊNCIA

**José Rodrigues das Neves**—Agradecemos que nos envie a sua morada.  
**Adelino Moreira**—Aguardamos os seus trabalhos.  
**Tomás José da Silva**—Agradecemos.  
**Filipe Antunes** e **Armando Vilar**—Destas vez foram campeões! Veremos nas outras.



A CHEGADA A LISBOA,  
O GOVERNADOR DE TI-  
MOR, CAPITÃO FERREIRA  
DE CARVALHO SAUDA,  
COMOVIDO, OS AMIGOS  
E AS ENTIDADES OFI-  
CIAIS QUE O ESPERAM.

Avermelha as gengivas  
Avermelha as gengivas  
Avermelha as gengivas  
Avermelha as gengivas

**CARMIM**  
CREME  
TORERO

Pasta dentífrica  
Pasta dentífrica  
Pasta dentífrica  
Pasta dentífrica

**CARMIM**  
CREME  
TORERO

E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes